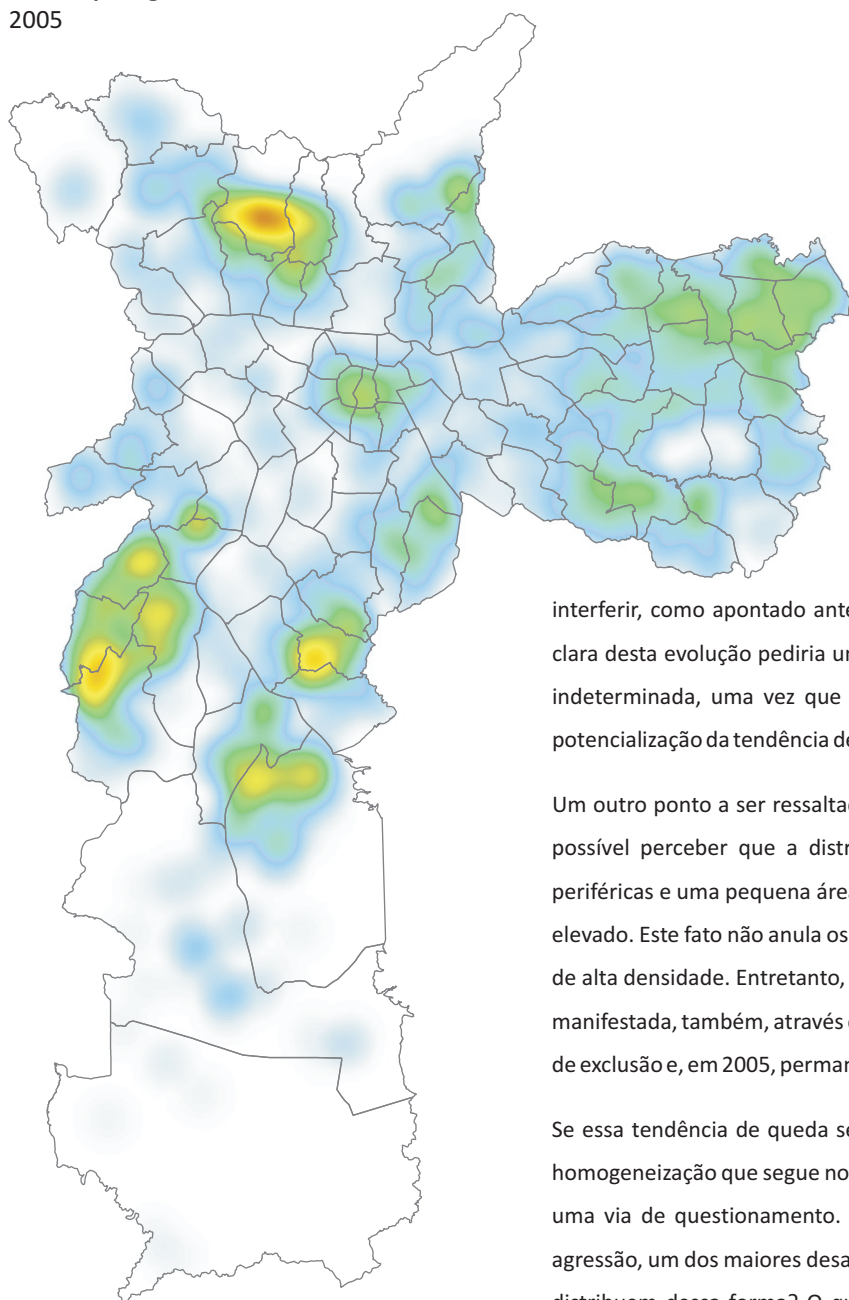


Mortes por agressão 2005



Densidade de ocorrências

Baixa Alta

Distritos

0 6 12 18
Quilômetros

É tendo em mente esta limitação potencial que se analisa a série de mapas apresentada, que mostra uma redução das áreas de maior risco, entre 2000 e 2005. A tendência de queda expressa nos mapas é consistente, ou seja, a cada ano percebe-se uma redução da mancha de alta densidade, a qual, em 2005, limita-se a apenas uma pequena área situada na zona Norte. A análise desta tendência, entretanto, deve ser feita com cautela, uma vez que eventuais oscilações na qualidade da classificação podem

interferir, como apontado anteriormente, na análise de séries históricas. Uma apreciação mais clara desta evolução pediria uma análise conjunta da evolução dos óbitos com intencionalidade indeterminada, uma vez que um hipotético aumento no uso desta categoria refletir-se-ia na potencialização da tendência de queda.

Um outro ponto a ser ressaltado é que, apesar do encolhimento das áreas de alta densidade, é possível perceber que a distribuição de risco mantém-se inalterada no Município: as áreas periféricas e uma pequena área na região central continuam, em 2005, como áreas de risco mais elevado. Este fato não anula os ganhos para a vida dos paulistanos expressos na queda da mancha de alta densidade. Entretanto, observa-se na série de mapas que ainda é patente a desigualdade manifestada, também, através do risco de morte por agressão: era maior, em 2000, nas áreas ditas de exclusão e, em 2005, permanece maior nessas mesmas áreas.

Se essa tendência de queda se confirma e se mantém, tudo indica que caminhamos para uma homogeneização que segue no sentido da baixa densidade de mortes. Essa constatação abre mais uma via de questionamento. Quando se analisam a distribuição e a evolução de mortes por agressão, um dos maiores desafios é compreender os achados: Por que as mortes por agressão se distribuem dessa forma? O que explica essa tendência de queda? Muitos estudos abordam a primeira questão – em São Paulo, Recife, Salvador, Rio de Janeiro – e chegam a resultados comuns: as mortes por agressão concentram-se em áreas com piores indicadores de desenvolvimento socioeconômico e, portanto, mais carentes de políticas públicas de qualidade. Já a segunda questão ainda permanece em aberto. Se a evolução segue os mesmos determinantes da distribuição espacial, mudanças importantes ao longo do tempo, no que se refere à implementação e melhoria de políticas e programas, devem se sobrepor, como chave explicativa, a eventuais oscilações na qualidade dos dados.

Fonte: Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade – PRO-AIM.

Resta-nos o desafio de encontrar e entender as causas da redução da mancha de alta densidade de mortes por agressão, passo fundamental para a consolidação da tendência de reversão e para a formulação de políticas preventivas verdadeiramente eficazes.